

Pulsão de morte: Um conceito ressignificado



<https://doi.org/10.56238/sevened2023.007-083>

Elza Maria Neffa Vieira de Castro

Titulação: Doutora em Ciências Sociais (CPDA-UFRRJ). Mestre em Filosofia da Educação (IESAE-FGV). Pedagoga (FAA) e Psicanalista (IBPC).

Vínculo institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Professora Titular da Faculdade de Educação (EDU/UERJ).

Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente (PPG-MA/UERJ).

Psicanalista - Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica (IBPC).

Membro do Observatório Interdisciplinar das Mudanças Climáticas (OIMC/IESP/UERJ)

E-mail: elzaneffa@gmail.com

Pedro Aranha Neffa Vieira de Castro

Titulação: Graduação em Psicologia (PUC-Rio)

Graduando em Medicina (UNIGRARIO)

E-mail: pedroaranhacastro@gmail.com

RESUMO

Based on individualism, determinism and the human-nature dualism, Freud affirmed the existence of an aggressive drive in psychic processes and theorized the integration of the subject in social life, from the perspective of opposition/domination, configuring the natural and insurmountable character of the death drive. In an attempt to overcome the dichotomy inherent in the concepts formulated in Freudian metapsychology,

contemporary psychoanalytic theories, especially Winnicott's, have revised the concept of the death drive and what gravitates around it. From this perspective, Winnicott interpreted the emergence of subjectivity from the interaction of the subject with the environment and aggressiveness as an expression of primary love, denying it as a manifestation of the instinctual movement that aims at destruction and death. For him, reliability and connection with the environment are fundamental conditions for the process of self-creation and transformation of the subject. From this perspective, Winnicott made the dynamics of the elements of the drive theory and the pleasure principle consonant with the complexity of current times. The bibliographic study, presented here, supports the construction of the theoretical-methodological framework of the analysis of the psychoanalytic theory and the unfolding of the Freudian inflection, based on the thought of the psychoanalyst Donald Winnicott, whose theory revised the idea of the death drive, formulated by Freud, in 1920, in *Beyond the Pleasure Principle*. As a result, the study points out elements to think about the conception of integrated nature, alien to the machinic metaphor, from the idea of a being capable of creation and self-transformation with its power to act.

Palavras-chave: Metapsicologia freudiana, Pulsão de morte, Revisões conceituais, Criatividade, Potência de ação.

1 INTRODUÇÃO

Se quisermos apreender o que há de rico na história do movimento psicanalítico, é preciso apreender o que há de criativo, de inventivo, de romanesco, de fantástico, até de louco, na obra de Freud. Félix Guattari

Este estudo analisa como a teoria psicanalítica concebe a natureza - externa e interna - e os desdobramentos da inflexão freudiana no pensamento do psicanalista contemporâneo Donald



Winnicott, cuja teoria revisou os paradigmas da psicanálise formulados por Freud, em 1920, lançados com a ideia de pulsão de morte em *Além do princípio do prazer*.

No século XX, muitas transformações epistemológicas de vulto ocorreram com as descobertas da mecânica quântica (quantum de energia de Max Planck, princípio da incerteza de Werner Heisenberg, estruturas dissipativas de Ilya Prigogine, princípio da complementaridade na integração do sujeito ao objeto de Niels Bohr, dentre outros), que favoreceram a superação da visão dicotômica natureza/cultura e permitiram a emergência de novos olhares na forma de entender o conflito psíquico formulado por Freud.

Partindo do pressuposto de que, ao formular a teoria sobre o caráter natural e insuperável da pulsão de morte, Freud baseou-se em alguns pressupostos do paradigma moderno (individualismo, determinismo, dualismo ser humano-natureza) para afirmar a existência de uma pulsão agressiva nos processos psíquicos e teorizar a integração do sujeito na vida social sob a ótica da oposição e da dominação, surgiu a necessidade de analisarmos teorias psicanalíticas contemporâneas que fizeram revisões do conceito de pulsão de morte e do que gravita em torno dela, na tentativa de superar a dicotomia inerente aos conceitos formulados na metapsicologia freudiana. Nessa análise reside a relevância desse estudo.

Como objetivos específicos, buscamos apontar alguns elementos da teoria pulsional e do princípio do prazer formulados por Freud e demonstrar como a teoria winnicottiana procedeu em suas atualizações, tornando as dinâmicas desses conceitos mais consoantes à complexidade dos tempos atuais.

Para atingir tais objetivos, configuramos o estudo como qualitativo por descrever e interpretar a realidade social não quantificável, na tentativa de responder às questões que se afirmam no campo da subjetividade, do simbolismo, do significado e da intencionalidade, aproximando o sujeito do objeto em uma relação dialética.

A partir de fontes secundárias constituídas principalmente de livros, capítulos de livros, periódicos especializados e revistas, o estudo bibliográfico sustentou a construção do referencial teórico-metodológico, que se constituiu como fundamento conceitual a partir do qual nos servimos para guiar a análise pretendida.

Como resultado, o estudo aponta alguns elementos para se pensar uma concepção de natureza integrada, alheia à metáfora maquínica, determinista, e mais associada à ideia de um ser vivo capaz de criação e de autotransformação.

Nesse artigo, desenvolvemos o conceito de criatividade como uma categoria contra hegemônica ao sistema que captura a subjetividade humana e coloca o sujeito como o seu próprio alçoz na “sociedade do cansaço”, (HAN, 2015) e apontamos algumas questões para reflexão.



Embora Freud tenha se inspirado nas descobertas científicas do século XIX, ao adotar o inconsciente como objeto de estudo sinalizou o fundamento da “sociedade do cansaço” (HAN, 2015; 2021) e da “sociedade do espetáculo” (DÉBORD, 1997), caracterizadoras da contemporaneidade, onde o sujeito cultua o narcisismo e encara o outro como objeto para usufruto seu, não mais atendendo ao controle disciplinar foucaultiano, mas sendo, ele próprio, sujeito de desempenho e de produção. Essa sociedade produtivista gera psicopatologias conformadoras de relações eivadas de intolerâncias e desrespeitos às individualidades, que contribuem para o surgimento de angústias e melancolias, categorias analíticas da teoria psicanalítica.

Nessa perspectiva, este artigo estrutura-se em três seções.

Na primeira, apresentamos, sucintamente, as contradições da metapsicologia de Freud que, ao mesmo tempo que baseia o corpo teórico-metapsicológico da psicanálise nos pressupostos paradigmáticos modernos – o médico-fiscalista do seu tempo e o dualismo ser humano-natureza - toma caminhos que o afastam dessa perspectiva ao basear a teoria psicanalítica na experiência clínica teorizando sobre o inconsciente, a pulsão de morte e o papel da intersubjetividade na constituição da subjetividade.

Na segunda, expomos algumas ideias revisionistas do inglês Donald Winnicott.

E, na terceira, descrevemos a força da criatividade como estratégia contra hegemônica aos ditames contemporâneos.

Finalizamos tecendo considerações sobre o conceito de univocidade, que reflete a superação do dualismo cartesiano de Freud e a possibilidade de se pensar a psicanálise a partir da ampliação dos caminhos de potencialização do sujeito, com vistas a uma conciliação consigo mesmo e com o mundo globalizado sob o controle do capital.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CONTRADIÇÕES DA METAPSICOLOGIA DE FREUD

Ao longo de sua obra, Freud mudou a concepção que tinha de natureza, tanto a externa quanto a interna (corpo, instinto e paixões). Entretanto, apesar dessas transformações, a sua teoria psicanalítica sempre se pautou no paradigma moderno concebendo a natureza na perspectiva metafórica de uma máquina, cujo dinamismo obedecia a leis determinísticas e redutíveis à lógica identitária, com separação do homem da natureza e redução do processo do conhecimento ao saber e às experiências científicas.

Para Gadamer (1997), principal representante da escola hermenêutica do século XX, na ciência moderna, os seres humanos e a natureza passaram a ser meros objetos à disposição da razão. Nessa ótica, Heidegger (2015) considerava que a compreensão do ser como objetividade possibilita o uso da racionalidade tecnológica para opressão da natureza e dos homens. Tais pensamentos inviabilizam a possibilidade de pensarmos a complexidade da natureza e do ser humano e empobrecem a relação entre



ambos, favorecendo a passividade e a inércia daquele que se vê diante de processos de degradação da natureza e de autodestruição da sua espécie. Além disso, o sujeito tem diminuída a sua potência (liberdade) de existir em estado de felicidade, leia-se sentimentos de alegria provenientes de afecções ativas, traduzidas por Spinoza como autonomia (Sawaia, 2009).

Entretanto, Plastino (2009), psicanalista argentino radicado no Brasil, chama atenção para a concepção hegemônica de homem e de natureza na modernidade e para o objetivo que pretende submeter a natureza aos desígnios humanos, de onde emergirá o impasse entre dois processos no século XX:

os consistentes sinais de inviabilização da civilização construída a partir dos pressupostos paradigmáticos da modernidade e os questionamentos desses pressupostos feito possível pelos resultados obtidos pelas ciências e saberes construídos no interior do próprio paradigma (PLASTINO, 2009, p. 140-141).

Este autor afirma, também, que será da superação desse impasse em relação à forma como o ser humano lida com a natureza, com os outros homens e com a sua própria natureza, de onde emerge a teoria psicanalítica. Mas, se por um lado, Freud inaugura um movimento de ruptura com o paradigma moderno ao afirmar:

- 1- o psiquismo inconsciente, que contesta a definição do homem como ser racional;
- 2- a intersubjetividade como aspecto central na constituição da subjetividade;
- 3- a modalidade específica da experiência clínica como método psicanalítico;

Por outro, a metapsicologia freudiana é eivada de pressupostos paradigmáticos modernos, o que revela contradições no corpo teórico-metapsicológico da psicanálise.

Pensando nessas contradições e após rigorosa revisão dos textos freudianos, Martins (2009) aponta a necessidade de uma reforma dos paradigmas da psicanálise e propõe uma nova concepção de conflito psíquico, a partir de reflexões guiadas por sua própria experiência clínica e por inspirações advindas de Spinoza, Deleuze e Nietzsche, no campo filosófico, e de Winnicott no campo da psicanálise. De Spinoza absorve o pensamento de que a cultura humana é um modo de ser da natureza; de Deleuze, o conceito de univocidade e de Nietzsche, a visão do uno primordial.

Dada a exiguidade de tempo para elaboração desse artigo, não há como aprofundar o estudo sobre as inspirações filosóficas, ressaltando apenas breves considerações e atendo-nos às reflexões psicanalíticas.

Em relação à teoria freudiana, a análise a seguir recai sobre a teoria da pulsão de morte e o que gravita em torno dela, informando sobre o contexto geral da teoria psicanalítica e de alguns de seus conceitos fundamentais (teoria pulsional e princípio do prazer) e sobre uma proposta de reinterpretação contemporânea.



2.1 O DUALISMO PULSIONAL COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL NA CONSTRUÇÃO DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA

A formulação de uma ontologia para a psicanálise decorre da necessidade de se construir um referencial teórico-conceitual de cunho especulativo que guie a pesquisa empírica, de modo a ter coerência entre as especulações e a experiência clínica.

Daí, perguntamos: como foi construído esse referencial teórico freudiano que caracteriza "a base ontológica da metapsicologia"?

E ensaiamos uma resposta: no dualismo entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. Esse dualismo é elemento fundamental na construção da metapsicologia freudiana, que se utiliza do mito no estabelecimento de uma infraestrutura para compreensão do aparelho psíquico. O mecanismo da repetição cega, a oposição a toda a mudança e a vontade de afirmar o seu próprio poder excessivo caracterizam essas pulsões.

Mas, o que é pulsão? Pulsão é a vivência de uma exigência que empurra o sujeito para uma atividade (mesmo passiva) e que se lhe impõe desde o interior. O sujeito é submerso por esta força pulsional violenta e só à custa de muitos esforços pode subtraí-la e resistir a ela. O lado "demoníaco" desta pressão explica-se pela "angústia" que o sujeito sente face à exigência pulsional e ao seu caráter anônimo e repetitivo. Quer ceda a esta impulsão pulsional, quer lhe resista, em geral o sujeito fica igualmente angustiado ou "aterrorizado". É por esta razão que o modelo da neurose traumática se impôs a Freud na sua teoria da pulsão em *Para além do princípio do prazer* (Bernet, 2016).

Para Freud, o homem é ameaçado por três fontes de sofrimento: a hiperpotência da natureza, a fragilidade do corpo humano e o relacionamento com os outros seres humanos.

Em seu texto clássico *O mal estar da civilização [1887]*, Freud apresenta a ideia de que o sofrimento provém da impossibilidade de o homem dominar completamente a natureza, ou seja, de cumprir com o projeto prometido da modernidade. O desdobramento da perspectiva moderna centrada no dualismo ser humano/natureza refere-se à utilização da premissa individualista, que se traduz no princípio do prazer.

Considerado como uma tendência do aparelho psíquico em liberar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele ou mantê-la tão baixa quanto possível, este princípio "determina uma tendência e exerce uma influência sobre a atividade e sobre a finalidade da vida psíquica" (Giacoina, 2008, p. 25) equiparando-se à felicidade e o seu inverso, ao desprazer.

Ao apoiar-se na perspectiva fisicalista da constância de Fechner, que determina a tendência de manutenção das quantidades de energia no interior de sistemas mecânicos constantes (Giacoina, 2008), Freud empobreceu sua abordagem e transformou o princípio do prazer em "uma ferramenta teórica



inadequada para lidar com a complexidade da experiência humana relacionada aos sentimentos de felicidade ou infelicidade” (Plastino, 2009, p. 144).

Ao sustentar sua abordagem no dualismo pulsional, Freud prendeu-a ao determinismo dominante no paradigma moderno e sustentou a inevitabilidade do mal-estar cultural provocado pelo sentimento de culpa resultante da expansão de duas pulsões elementares – Eros e pulsão de morte – pensadas por Freud como princípios cósmicos que agem em todos os homens.

Nessa perspectiva e complementando sinteticamente o apontado na introdução deste artigo, Freud teorizou a integração do sujeito na vida social a partir da ótica da oposição e da dominação, afirmando a existência de uma pulsão agressiva autônoma no homem que emerge

de alguns pressupostos centrais do paradigma moderno (determinismo, individualismo, dualismo ser humano-natureza), da leitura do conhecimento científico da época (entropia), do momento civilizacional (pessimismo provocado pela guerra e a crise de pós-guerra) e da própria subjetividade de Freud (Plastino, 2009, p. 145).

Para Han (2021), o impulso de morte, responsável pela inclinação agressiva do ser humano, coaduna-se à ideia de Bernard Maris¹ de que a astúcia da destrutividade do capitalismo está na canalização e no direcionamento das forças de destruição para o crescimento e reprodução sociometabólica do capital.

Nessa perspectiva, Han pergunta se “seria o impulso de morte apropriado para pensar o processo destrutivo do capitalismo?” “ou no capitalismo reina um tipo completamente diferente de impulso de morte que escapa à teoria do impulso de Freud?” (2021, p. 10).

Em seu livro *Eu sou o monstro que vos fala*, Preciado nos lembra que:

uma epistemologia é um fechamento do nosso sistema cognitivo que não apenas dá respostas às nossas questões, mas que define as próprias questões que podemos nos colocar em função de uma interpretação prévia dos dados sensoriais. Os paradigmas científicos são engajamentos compartilhados por uma comunidade social que, sem ter o caráter de axiomas infalíveis ou plenamente demonstrados, são largamente aceitos na medida em que servem para resolver todo tipo de problema. Os paradigmas são “universos de discurso” nos quais reina uma certa coerência, uma certa paz tecno-semiótica, um certo acordo. Uma epistemologia se caracteriza justamente pela flexibilidade, o que permite a resolução de um certo número de problemas. Até que os problemas que essa epistemologia cria se tornam, por assim dizer, mais numerosos do que aqueles que resolve. De modo que ela, por definição conservadora, lenta e viscosa, torna-se obsoleta, nociva e até mesmo deletéria, e é substituída por uma nova epistemologia, um novo dispositivo, capaz de responder às novas questões (2022, p. 51-52).

3 INSPIRAÇÕES E REINTERPRETAÇÕES DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA POR WINNICOTT

Apoiando-se nas ideias e experiências de Freud, principalmente nas produções conceituais que afirmam o inconsciente e sua centralidade no dinamismo do psiquismo e participação no conhecimento

¹ Economista francês morto no ataque terrorista ao *Charlie Hebdo*, em 2015, autor do livro *Capitalisme et pulsion de mort*.



e na constituição da subjetividade e nas relações humanas, Winnicott (1983) interpretou a emergência da subjetividade a partir da interação do sujeito com o seu ambiente e a agressividade como expressão do amor primário, negando-o como manifestação de um movimento pulsional que objetiva a destruição e a morte. Para ele, a confiabilidade e a indissolúvel ligação com o ambiente são condições fundamentais para o processo de autocriação e de transformação do sujeito.

Nessa linha interpretativa, além de rejeitar a concepção de pulsão de morte tal como formulada por Freud, Winnicott minimiza o princípio do prazer e sustenta uma ética natural ao conceber a natureza, inclusive a natureza humana, na perspectiva vitalista que a pensa como um ser vivo e complexo, negando sua formulação como máquina, cujo dinamismo é reduzido à causalidade eficiente. Com base nessa ótica vitalista, Winnicott sustenta a relação da cultura com o ambiente que favorece a espontaneidade humana. Para esse psicanalista inglês, a palavra espontaneidade é chave interpretativa desta relação porque expressa o dinamismo da natureza viva que se atualiza através do processo criativo, passível de realização no ambiente propício à potencialização humana.

Ao conceber a fantasia como anterior à realidade, insistindo na criatividade primária, Winnicott pensa uma relação diferente com a natureza, ultrapassando o determinismo e elaborando outras formas do ser humano desenvolver suas capacidades cognitivas, para além da destruição e da dominação, mas incorporando a integração e o pertencimento (Plastino, 2009, p. 147).

Nessa perspectiva, ele postula uma tendência inata à integração do ego (Winnicott, 2000, p. 223) e uma tendência à produção de um sentimento ético espontâneo (Plastino, 2009, p. 148), abandonando a premissa individualista e sustentando que a criação da subjetividade só ocorre num ambiente propício à emergência da espontaneidade. Com isso, Winnicott concebe um novo humanismo, mais consoante às demandas da contemporaneidade, expressas nas palavras do pensador francês, Edgar Morin, quando diz que:

A Natureza é o que religa, articula, faz comunicar em profundidade o antropológico ao biológico e ao físico. Precisamos então reencontrar a Natureza para reencontrar nossa Natureza (...) (Morin, 2005, p. 451).

Nessa perspectiva, Morin postula que a solidariedade humana é essencial e parte constituinte da relação que os seres humanos estabelecem com a natureza e com o cosmos.

4 A CRIATIVIDADE COMO MOVIMENTO CONTRA HEGEMÔNICO

No contexto social contemporâneo, a criatividade é vista como tarefa pessoal e não coletiva. Mas, para quebrar a inércia social é preciso que cérebro/mente se correlacionem em uma determinada circunstância em que haja uma intenção comum.



Tal como nos processos da natureza, a noção de ordem é representada nos processos da mente como uma “ordem infinita que tende a evoluir em direção a novas ordens e, desse modo, a desenvolver hierarquias, constituir novos tipos de estrutura” (Bohm, 2011, p. 23).

Para o físico contemporâneo David Bohm, os esforços de imposição de uma ordem mecânica à mente podem gerar resultados inesperados que entram em conflito com a ordem que o indivíduo quer impor. Isso ocorre porque o conflito se instaura na mente de um indivíduo sensível e alerta quando ele entende a irrelevância dos padrões mecânicos que prescrevem como o indivíduo deve ser, pensar e sentir, ao mesmo tempo em que ocorrem impulsos em direção a uma reação criativa. Por ser doloroso, a mente tenta escapar do conflito passando de um estado reflexivo de desinteresse para um estado de torpor, assumido como natural na sociedade contemporânea.

Esse estado de “desordem” da mente, que nega as contradições ou as fantasias evitando a consciência dos conflitos gerados na mente em função do conjunto das reações humanas, inviabiliza que a mente solucione problemas sutis, profundos e complexos em qualquer campo de mudança e desenvolvimento. Daí, Bohm alertar para a necessidade de se atentar para o estado de confusão da mente porque é dele que emerge o ato criativo. Na perspectiva de nortear os processos capazes de despertar o potencial humano criativo, Amit Goswami (2008, 2015) postula algumas perguntas:

- por que a criatividade é universal entre as crianças e não entre os adultos?
- como estimular o encantamento que permeia as experiências infantis, de modo a que resistam ao conformismo e à alienação trazidos pela mídia?
- como estimular a criatividade, que traz alegria e satisfação, numa sociedade tecnológica e industrial geradora de consumismo e de mediocridade?
- há relação entre criatividade e autodesenvolvimento?
- como construir uma sociedade criativa?

Assumindo a noção de que as ideias criativas resultam do jogo da consciência, sendo ela a base do ser², Goswami reconhece que o crescimento espiritual é uma criatividade “interior”, ao contrário da criatividade nas artes e nas ciências, que é externa. Em suas palavras,

quando entoamos a música da criatividade, usando a harmonia mais apropriada para as demandas de um determinado momento criativo, nossos versos individuais e simples passam a fazer parte do multiverso cósmico abrangente – o verso unido que denominamos universo (Goswami, 2008, p.16).

² Na física quântica, a matéria torna-se menos material, apenas possibilidade na consciência.



5 BREVES APONTAMENTOS SOBRE A CLÍNICA PSICANALÍTICA DA POTÊNCIA E A CONCILIAÇÃO ENTRE VIDA E MORTE

No exercício de introdução de algumas questões sobre os pressupostos freudianos ancorados na representação da natureza moderna vislumbramos que, apesar das transformações conceituais ocorridas ao longo da sua obra, Freud constrói a teoria psicanalítica baseada na visão paradigmática que separa o corpo/máquina da mente racional. Dessa visão resulta uma perspectiva reducionista que dificulta a compreensão da complexidade “da natureza e do ser humano, bem como das relações entre ambos, deixando o homem inerme para lidar com os evidentes processos de destruição da natureza e da autodestruição da espécie” (Plastino, 2009, p. 140), vivenciados no atual momento civilizatório.

Entretanto, é interessante assinalar que são dos processos de conhecimento forjados pelo saber psicanalítico (afirmação do psiquismo inconsciente, dos fatores afetivos na constituição e funcionamento da subjetividade e da intersubjetividade como aspecto central na constituição da subjetividade) de onde emerge a ruptura com a premissa individualista, fundamento do pensamento moderno. Contraditoriamente, porém, muitos outros conceitos formulados no corpo teórico-metapsicológico da psicanálise, como por exemplo a pulsão de morte, aderiram ao dualismo e ao determinismo, característicos da modernidade.

Embora apoiado nas descobertas freudianas, Winnicott realiza uma nova leitura a partir de sua visão humanista, integrando o indivíduo ao ambiente, rejeitando a teoria da pulsão de morte e postulando a agressividade como impulso vital que anima o indivíduo em suas relações com o outro e com o mundo, junto com a pulsão sexual, entendida esta como sensorialidade e expressão da pulsão originária, sustentando o dinamismo da natureza humana e sua associação à ideia da força da criatividade dos processos mentais não-lineares na ampliação da potência do agir.

Dentre os estudos que apontam a necessidade de uma reforma dos paradigmas da psicanálise, as considerações sobre as dinâmicas propostas por Freud no contexto do século XIX, tecidas por André Martins em seu livro *Pulsão de Morte?* (2009), chama atenção, principalmente, a análise do conceito de univocidade em Deleuze, Spinoza, Nietzsche e Winnicott, com a pretensão de superar o dualismo cartesiano de Freud (MARTINS, 1998a, 2000d, 2009).

No entrelaçamento desses pensadores em relação à compreensão deste conceito, Martins evoca o “sentimento primário” de ser uno com o mundo e a maneira como essa vivência influencia os afetos na vida adulta do sujeito, o modo como se afeta e as suas relações com os outros.

Apoiado em Winnicott (2000b, 1983), Martins (2009) analisa o surgimento do sentimento de continuidade com o mundo e como ele persiste, em maior ou menor grau, de acordo com o sentimento do bebê e da criança ao se sentir potente e confiante em relação ao ambiente em que vive, pouco ou muito acolhedor. Esse sentimento de união com o ambiente, como se este não existisse separado de si mesmo, retrata o “sentimento oceânico” que Freud caracteriza como emergente do sentimento de amor,



por trazer para o indivíduo o “sentimento do vínculo indissolúvel de ser uno com o mundo (Freud, 1987, v. 21a, p. 73).

Entretanto, com base em Winnicott, Martins afirma que não convém nomear esse sentimento de oceânico, tendo em vista que o sentimento de continuidade com o mundo se relaciona à capacidade de o indivíduo sentir-se menos ou mais potente, ou seja, menos ou mais capaz de agir no mundo de forma singular. Para Martins, essa capacidade está intrinsecamente relacionada ao sentimento de acolhimento do ambiente pois, se este é favorável, o indivíduo sente-se bem consigo mesmo e enfrenta as adversidades, mesmo nos momentos mais difíceis, ancorado na sua capacidade de criar, ou seja, no forte sentimento de individuação e singularização. Caso contrário, o sentimento inconsciente de carência contribui para a emergência do sentimento de revolta, de usurpação, de não-contentamento com o recebido nos relacionamentos, no mundo e na vida em geral, por parecer pouco diante da idealização do que os outros receberam em suas vivências mais aprazíveis.

Para Martins, o termo oceânico dá conta apenas da continuidade e ele sugere a anulação desta continuidade pela possibilidade de se recair “na utopia de um mundo de iguais, cuja padronização, por mais comum que fosse socialmente, fere o princípio de que cada um só é, só existe, a partir de si mesmo, como ser único e, portanto, diferente dos demais” (Martins, 2009, p. 314).

Assim sendo, se para Freud, o sentimento do eu é demarcado como um oceano, onde cada gota é individual, diferenciada, singular e única, para Deleuze, o termo univocidade é traduzido a partir de ideia da existência de uma co-pertinência entre o indivíduo e o todo, sendo este um único real constituído por uma infinidade de entes particularizados. Nos termos de Spinoza, é “uma única substância (ou Natureza) constituindo, dela e nela, diversos modos únicos e singulares”, que Nietzsche chama de uno primordial ou “mãe originária”, “esse ser vivo único que engendra e procria no orgasmo do qual nos confundimos” (Martins, 2009, p. 315).

Nessa esteira interpretativa, Winnicott (1983 k) expressa o sentimento de univocidade na “capacidade de estar só”, entendida esta como a confiança externa proporcionada pela memória do primeiro ambiente acolhedor que permite se sentir amado, incluído e seguro. Caso contrário, o sentimento proveniente de um ambiente não acolhedor gera abandono, insegurança e separabilidade dos outros e do mundo, vistos como o outro externo que promove a correção das escolhas dos indivíduos com base na moral onde predomina o certo e o errado fora da intuição e da espontaneidade do próprio indivíduo. Assim sendo,

trazer o real, o sentimento de acolhimento dentro de nós, é o que nos une aos outros. Perceber, entender e sentir que este real constitui a tudo e a todos é o que nos permite afetarmo-nos sem afetos de preconceitos de gênero, raciais, sociais ou outros tipos de segregações e ressentimentos. Por outro lado, é também o que nos permite nos sentirmos individuados, e não gotas indiferenciadas no oceano, de modo a sermos seletivos, não como julgamento moral, mas em nossos encontros, estabelecendo limites para além dos quais nos sentiríamos invadidos e, assim, assumindo e vivenciando integralmente nosso modo de ser singular, não recalcaros raivas e invejas, sendo afirmativos de nosso jeito de ser e do momento presente – podendo



melhorá-lo justamente por poder aprová-lo. Trata-se de uma conquista de nossos afetos, para a qual a análise pode contribuir de modo fundamental (MARTINS, 2009, p. 316).

Essa conquista incorpora a compreensão afetiva de que não há existência sem conflito, pois “não há prazer sem dor, vida sem morte, criação sem perecimento, real sem corporeidade, existência sem devir, devir sem seta do tempo” (Martins, 2009, p. 317).

No sentido nietzschiano, o trágico consiste em não idealizar a vida e a nós mesmos, mas valorizá-la e a nós próprios como somos, em nossa incompletude e imperfeição, reinterpretando a realidade a cada momento presente, com vistas a ampliar a nossa potência de agir.

Ao salientar que ser incompleto não é o mesmo que ser faltoso, na perspectiva lacaniana e platônica de um mundo perfeito, além da realidade concreta, Martins afirma que

somente é faltoso aquele a quem falta algo, e para que nos falte algo é preciso que ao menos idealmente sejamos completos, ou tenhamos a possibilidade, ainda que irrealizável, de sermos completos. Ou ainda, o que há, a realidade, o mundo sensível, somente pode ser considerado faltoso em relação a uma realidade outra, um mundo ideal, desejados como completo (2009, p. 318).

Nesse processo de devir, incompleto e incerto, o ser humano contemporâneo é impulsionado a refletir sobre quais estratégias desenvolver para superar a obsessão do capitalismo pela morte, tendo em vista que sua coação de acumulação e de crescimento cria, não apenas catástrofes ecológicas, mas também mentais. Segundo Han, filósofo coreano e cidadão alemão,

a coação do desempenho é destrutiva, fazendo que autoafirmação e autodestruição sejam uma coisa só. As pessoas se otimizam para morrer. Auto esgotamento indiscriminado leva a um colapso mental. A luta brutal de concorrência atua de modo destrutivo. Ela produz uma frieza de sentimentos e uma indiferença diante dos outros que traz uma frieza e indiferença perante a si próprio (2021, p. 20).

Diante do exposto, perguntamos se há possibilidade de sobrepujarmos a herança metafísica que faz do capitalismo um aspirante ao capital infinito. À metafísica que nega a morte, Adorno opõe o pensamento que “toma para si a consciência não diminuída, nem sublimada, da morte” (apud Han, 2021, p. 28), na perspectiva de conciliarmos a consciência com a vida e dominarmos a necrofilia que a transforma em vida reificada, maquinal, coisa inerte, artefato inanimado, morta-viva.

Essas breves considerações sugerem pensarmos a psicanálise a partir de caminhos ampliados da potencialização do sujeito, com base na valorização da integração entre corpo e mente, natureza e cultura, mundo sensível e mundo inteligível, morte e vida, visando à conciliação mútua para enriquecimento da técnica psicanalítica e do mundo humano.



REFERÊNCIAS

- Bernet, R. As pulsões de morte e o enigma da compulsão de repetição (Freud e Lacan), *Cultura* [Online], vol. 35/2016. Acesso em: 04 junho 2018.
- Bohm, D. (2011). *Sobre a criatividade*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Débord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Deleuze, G. (1996). *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34.
- Freud, S. (1973) *Obras completas de Sigmund Freud*. (3017-3067) Madri: Biblioteca Nueva, v. 3.
- Mal-estar na civilização*. (1887) In: FREUD, S. ESB. v. 21a. Rio de Janeiro: Imago, [1932].
- Além do Princípio de Prazer; Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. (1977), Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- GADAMER, H. (1997). *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, v. 1.
- GIACCOIA Junior, O., (2008). *Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável*. Civilização Brasileira.
- GOSWAMI, A. (2008). *Criatividade quântica: como despertar o nosso potencial criativo*. São Paulo: Ed. Aleph.
- Criatividade para o século 21: uma visão quântica para a expansão do potencial criativo*. (2015). Tradução Saulo Krieger. São Paulo: Goya.
- GUATTARI, F. (2010). As pulsões. *Cadernos de subjetividade*. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas de Subjetividade, 7-13.
- HEIDEGGER, M. (2015). *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes.
- HAN, B. (2015). *A sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- (2021). *Capitalismo e impulso de morte*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MARTINS, A. (2009). *Pulsão de morte? Por uma clínica psicanalítica da potência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- (2000d). Nietzsche, Spinoza, o acaso e os afetos: encontros entre o trágico e o conhecimento intuitivo. *Revista do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, O que nos faz pensar*, 14.
- (1999d) Desamparo e univocidade: In: *Fórum Brasileiro de Psicanálise, 5 Anais...*Recife: Círculo Psicanalítico de Pernambuco. CD-ROM.
- MORIN, E. (2005). *O método I: a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina.
- PLASTINO, C. A. Freud e Winnicott: a psicanálise e a percepção da natureza - da dominação à integração. In: CARVALHO, I. C. M. de; GRÜN, M.; TRAGBER, Rachel (Orgs.). (2009). *Pensar o ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental*. Brasília: MEC, SECAD, UNESCO.



PLASTINO, Carlos Alberto. (2001). *O primado da afetividade*. A crítica freudiana ao paradigma moderno. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

PRECIADO, P. B. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala*: Relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.

SAWAIA, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia e Sociedade*, 21 (3): 364-372.

SPINOZA, B. *Ética*. (2007). Belo Horizonte: Autêntica.

WINNICOTT, D. (1983a). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

WINNICOTT, D. (2000a). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional normal. In: _____. (2000b). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.